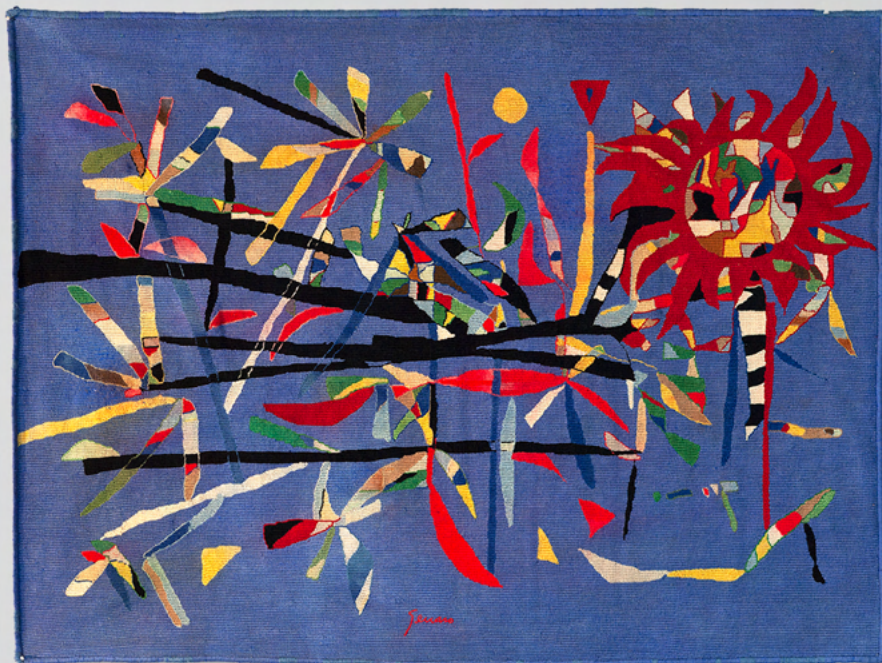


GF



CONFIRA AS OBRAS QUE ESTARÃO
NA FEIRA ROTAS BRASILEIRAS





GALERIA
FRENTE

400

GF
GALERIA
FRENTE

SP—ARTE

30 DE AGOSTO -
03 DE SETEMBRO DE 2023

ESTANDE - B1

GALERIA FRENTE

Galeria Frente é uma das principais galerias especializadas no mercado secundário de arte moderna e contemporânea brasileira. Fundada por James Acacio Lisboa em 2015, possui 8 anos de existência, desde sua abertura, tem consistentemente fomentado um programa de exposições criterioso, comprometido em apresentar o melhor da arte brasileira, localizada em um dos bairros mais charmosos de São Paulo, Cerqueira César.

Em seu currículo de exposições já apresentou: Mira Schendel, 2015; Antonio Maluf e Hércules Barsotti, 2016; Frans Krajcberg, 2017; Iberê Camargo e Francisco Stockinger, 2018; Gilberto Salvador, 2021; Igor Rodrigues, 2022 e Candido Portinari, 2023.

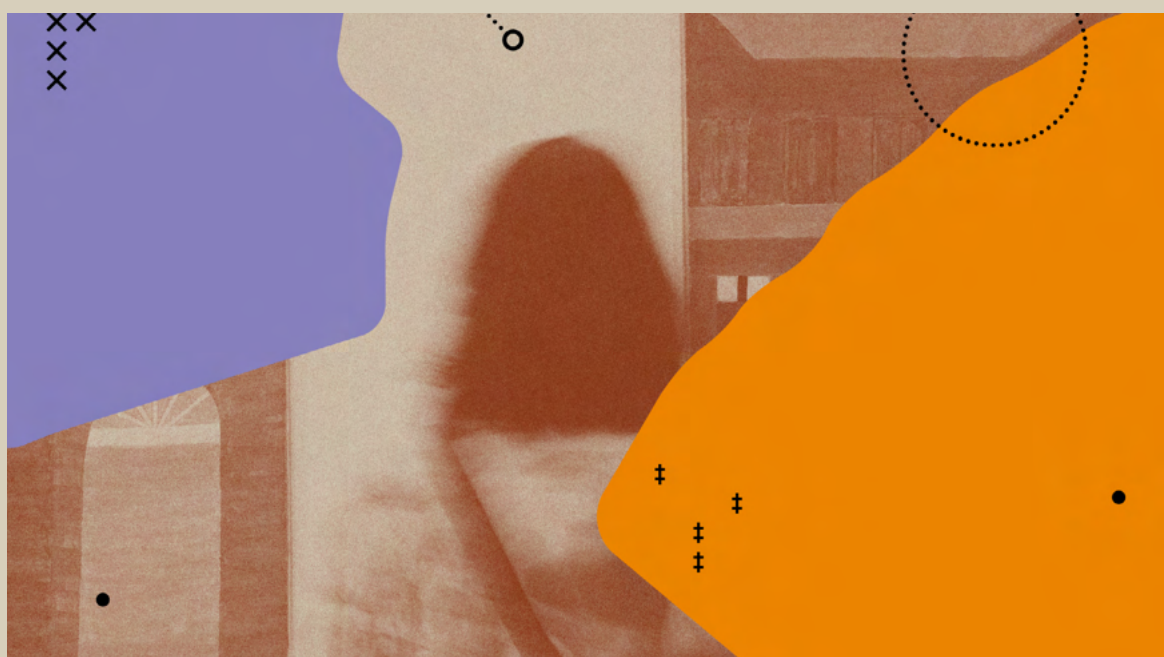
A Galeria Frente tem como missão facilitar e favorecer o colecionismo de arte no Brasil, por meio da comercialização de arte moderna e contemporânea, nacional e internacional. Possuímos em nosso acervo obras dos principais artistas brasileiros modernos e contemporâneos como: Abraham Palatnik, Alberto da Veiga Guignard, Alfredo Volpi, Amilcar de Castro, Anita Malfatti, Antonio Bandeira, Beatriz Milhazes, Candido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Frans Krajcberg, Genaro de Carvalho, Hércules Barsotti, José Leonilson, Manabu Mabe, Mira Schendel, Tarsila do Amaral, Tomie Ohtake, Vik Muniz, Willys de Castro entre outros.

GALERIA FRENTE NA SP—ARTE

A Galeria Frente vem marcando presença, tendo participado de 7 edições da SP - Arte -Festival Internacional de Arte de São Paulo, desde 2016. E estamos na segunda edição da Feira Rotas Brasileiras, ano passado apresentamos o modernismo brasileiro.

Nesta edição o recorte curatorial apresentará “Os Mestres da Tapeçaria no Brasil e a Abstração Informal”, vamos evidenciar as duas correntes que tiveram destaque no mesmo período entre a década de 1950 e 1960, mas que seguiram histórias paralelas. A história da tapeçaria artística brasileira somente começou a mudar vagarosamente a partir das primeiras décadas do século XX, tendo como ponto de referência o Movimento Modernista e a sua proposta de renovação das artes no país. Mas é com Genaro de Carvalho [1926-1971] no ano de 1955, quando o artista criou o primeiro ateliê de tapeçaria, na cidade de Salvador, que a Tapeçaria no Brasil atinge outros patamares ganhando reconhecimento internacional.

É consensual que a adoção do abstracionismo no Brasil tem início em meados da década de 1940, mas teria sido a partir da “I Bienal Internacional de São Paulo” (1951), que os artistas passaram a ganhar maior visibilidade, sendo um dos seus maiores representantes o artista Manabu Mabe. Apesar destas correntes terem tido projeção no mesmo período, pouco ou quase nada foram expostas juntas lado a lado. A proposta da Galeria Frente é ampliar o conhecimento do público sobre essas duas correntes.



MESTRES DA TAPEÇARIA NO BRASIL

GENARO DE CARVALHO

Genaro de Carvalho (Salvador, BA, 1926 - idem 1971). Em 1944, vai para o Rio de Janeiro, e estuda desenho com Henrique Cavalleiro (1892-1975) na Sociedade Brasileira de Belas Artes. É considerado um dos principais ativistas pela renovação da arte na Bahia, ao lado de Carlos Bastos (1925-2004), Caribé (1911-1997) e Mario Cravo Jr. (1923). Com bolsa de estudos do governo francês, Genaro embarca para Paris em 1949, lá estuda com André Lhote (1885-1962) e Fernand Léger (1881-1955) na École Nationale de Beaux-Arts. Participa, em 1950, dos Salões de Outono, de Maio e dos Independentes. Nesse mesmo ano, inicia-se na arte da tapeçaria. No ano de 1955, cria o primeiro ateliê de tapeçaria no Brasil, na cidade de Salvador, Bahia.





Genaro de Carvalho
Jardim da Casa Azul
tapeçaria
203 x 158 cm
assinatura inf. dir.

Genaro de Carvalho
Floral,
tapeçaria
95 x 132 cm
assinatura inf. centro



Genaro de Carvalho
Atelier Parque Campo Grande,
tapeçaria
93 x 130 cm
assinatura no verso

Participou da exposição "Genaro - Traço, pincel e trama",
realizada no Museu da Misericórdia em Salvador, de 27 de
setembro à 24 de novembro de 2019.





Genaro de Carvalho
Sem Título,
tapeçaria
182 x 211 cm

Genaro de Carvalho
Sem Título,
tapeçaria
140 x 180 cm
assinatura inf. dir.





Genaro de Carvalho
Sem Título,
tapeçaria
153 x 118 cm
assinatura inf. dir.

Genaro de Carvalho
Sem Título,
tapeçaria
124 x 160 cm

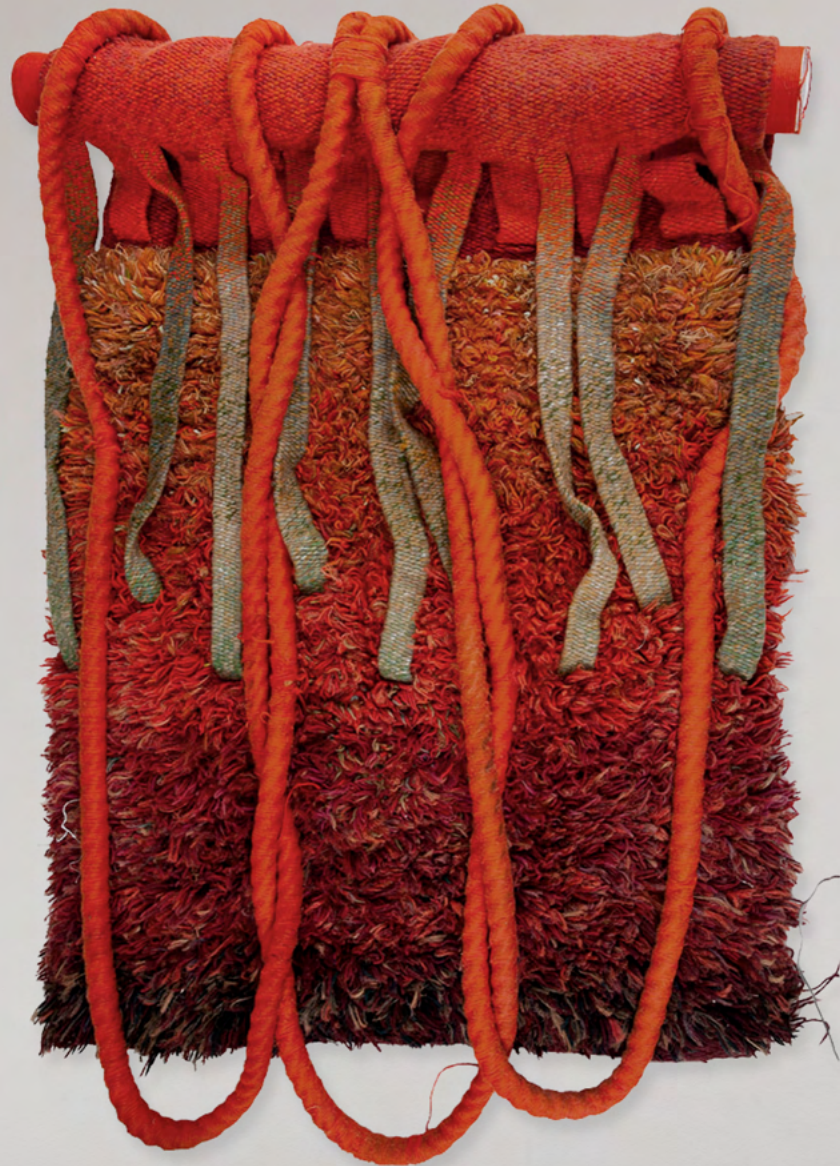


NORBERTO NICOLA

Norberto Nicola (São Paulo, SP 1931 - idem 2007). Em 1954, começa sua formação no curso para professores de desenho da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap) e no Atelier-Abstração, de Samson Flexor (1907-1971), em São Paulo. Ali conhece Jacques Douchez (1921), com quem cria, em 1957, o Ateliê Douchez-Nicola de tapeçaria, que dura até 1980. Passa a produzir tapeçarias, primeiro planas e depois tridimensionais. Participa da 7ª Bienal de São Paulo, em 1963, e da 8ª, 9ª, 11ª e 13ª edições do evento. Expõe suas obras em lugares como a Galeria da O.E.A., em 1973, em Washington, e o Museu Nacional de Belas Artes do México. No mesmo ano, recebe o prêmio da categoria tapeçaria da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Cria a Trienal de Tapeçaria, que teve três edições em São Paulo, a primeira em 1976.



Norberto Nicola
Sem Título,
tapeçaria
155 x 123 cm





Norberto Nicola
Sem Título,
tapeçaria
170 x 136 cm



Norberto Nicola
Sem Título,
tapeçaria
150 x 156 cm
assinatura inf. esq.



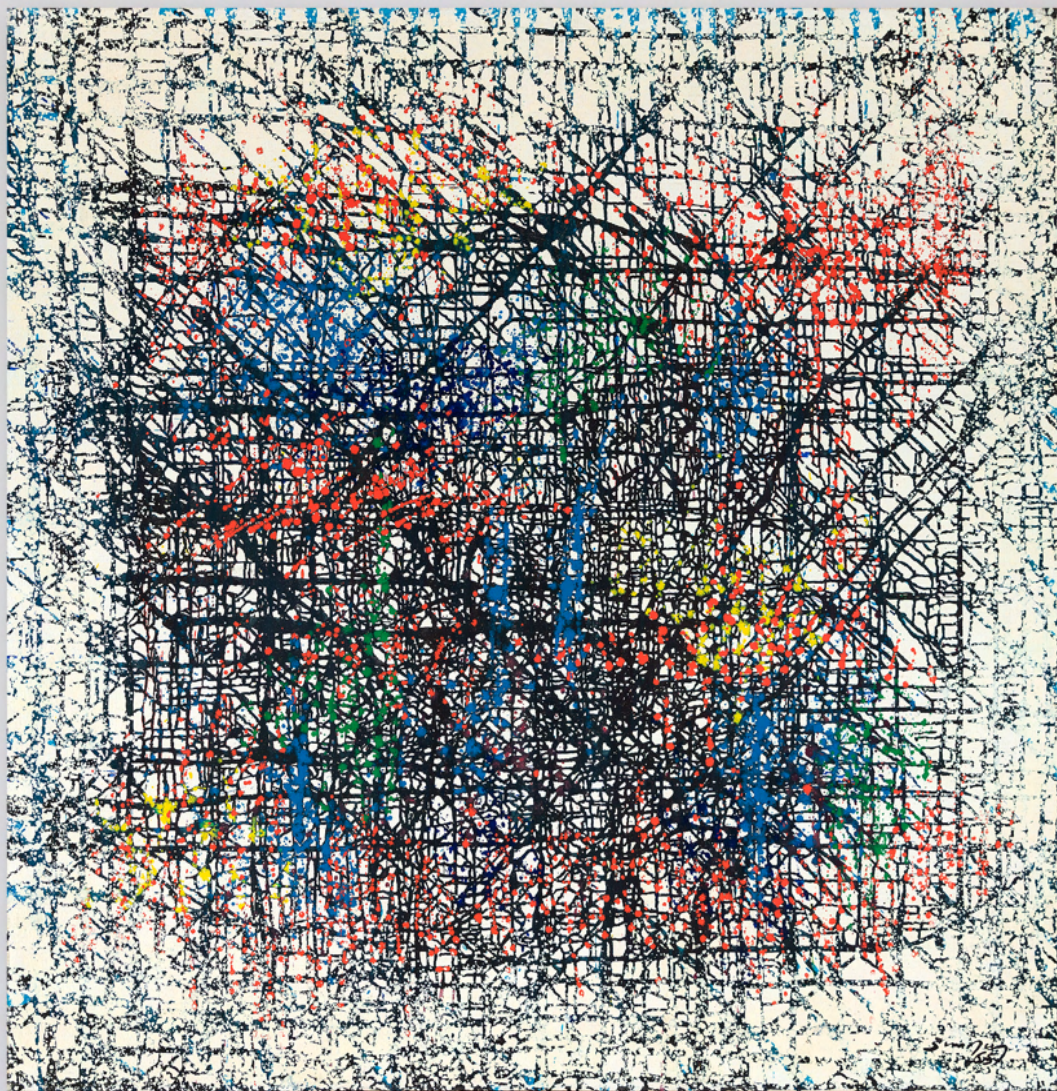
Norberto Nicola
Selvagem,
tapeçaria
160 x 60 cm
assinatura no verso

ABSTRAÇÃO INFORMAL NO BRASIL

ANTONIO BANDEIRA

Antonio Bandeira (Fortaleza, CE, 1922 - Paris, França, 1967). Inicia-se na pintura como autodidata. Em 1941, em Fortaleza, participa, ao lado de Mário Baratta (1915-1983), entre outros, da criação do Centro Cultural de Belas Artes - CCBA, que dá origem, em 1943, à Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP. Em 1945, transfere-se para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, realiza sua primeira exposição individual, no Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB/RJ. Contemplado pelo governo francês com bolsa de estudos, permanece em Paris de 1946 a 1950. Frequenta a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts e a Académie de la Grande Chaumière, mas, em busca de uma arte não acadêmica, deixa essas instituições. Entre 1947 e 1948 participa de dois importantes eventos: o Salon d'Automne e o Salon d'Art Libre. Em Saint-Germain-des-Près toma parte em reuniões de artistas como Camille Bryen (1907 - 1977) e Bernard Quentin. De volta ao Brasil, em 1951, expõe na 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Retorna a Paris em 1954 em razão do Prêmio Fiat, obtido na 2ª Bienal Internacional de São Paulo, mas não deixa de expor no Brasil. Permanece na Europa até 1959, passando pela Inglaterra e Bélgica, onde, em 1958, realiza um painel para o Palais des Beaux-Arts.





Antônio Bandeira
Sem Título, 1965
óleo sobre tela
120 x 120 cm
assinatura inf. dir.



Antônio Bandeira
Sem Título, 1962
óleo sobre tela
70 x 110 cm
assinatura inf. dir.

Reproduzido no livro "Caminhos do Contemporâneo 1952/2002" na p.g. 100.
Participou da exposição "Caminhos do Contemporâneo", no Paço Imperial - RJ, 2002.

Antônio Bandeira
Ville, 1965
óleo sobre tela
80 x 100 cm
assinatura inf. dir.

Selo de metal da Família Bloch.



TOMIE OHTAKE

Tomie Ohtake (Kyoto, Japão, 1913 – São Paulo, São Paulo, 2015). Vem para o Brasil em 1936, para visitar um de seus irmãos, é impedida de voltar ao Japão por causa de eventos ligados à Guerra do Pacífico, e fixa-se em São Paulo. Em 1952, inicia-se em pintura com o artista Keisuke Sugano (1909-1963). No ano seguinte, integra o Grupo Seibi, do qual participam Manabu Mabe (1924-1997), Tikashi Fukushima (1920-2001), Flavio-Shiró (1928), Tadashi Kaminagai (1899-1982), entre outros artistas. Após breve passagem pela arte figurativa, Ohtake explora o abstracionismo. No início da década de 1960, emprega uma gama cromática reduzida, com predominância de duas ou três cores, o que leva o olhar do espectador a percorrer superfícies em telas que muitas vezes remetem à sensação de nebulosidade. A pulsação obtida nas telas da artista, por meio do uso das cores e dos refinados jogos de equilíbrio, revela afinidade com a obra do pintor estadunidense Mark Rothko (1903-1970). Na década de 1980, passa a utilizar uma gama cromática mais intensa e contrastante. Dedicar-se também à escultura e realiza, por exemplo, a Estrela do mar (1985), colocada na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Em 1995, recebe o Prêmio Nacional de Artes Plásticas do Ministério da Cultura – Minc. E em 2000, é criado o Instituto Tomie Ohtake, importante centro cultural da capital paulista.





Tomie Ohtake
Sem Título, 1987
acrílica sobre tela
210 x 142 cm
assinatura inf. dir.
Registrado no Instituto Tomie Ohtake
sob o cód. P 87 21.

Tomie 87.

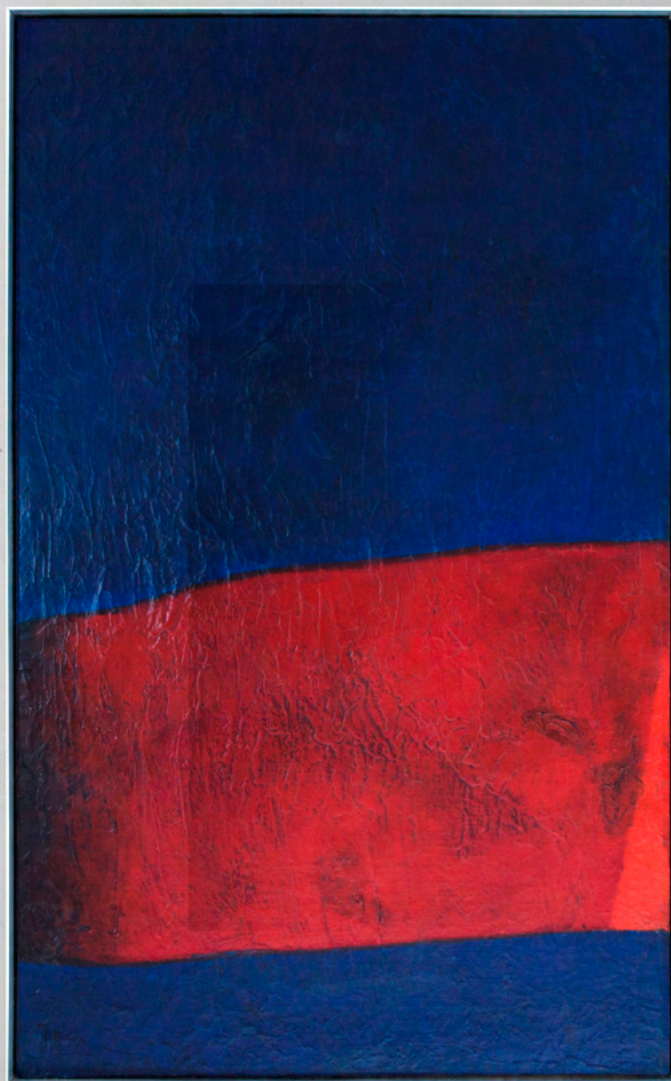
Tomie Ohtake
Sem Título, 1983
óleo sobre tela
136 x 45 cm
assinatura no verso

Registrado no Instituto Tomie
Ohtake sob o nº P-8328.





Tomie Ohtake
Sem Título, 1984
100 x 100 cm
óleo sobre tela
assinatura inf. dir.

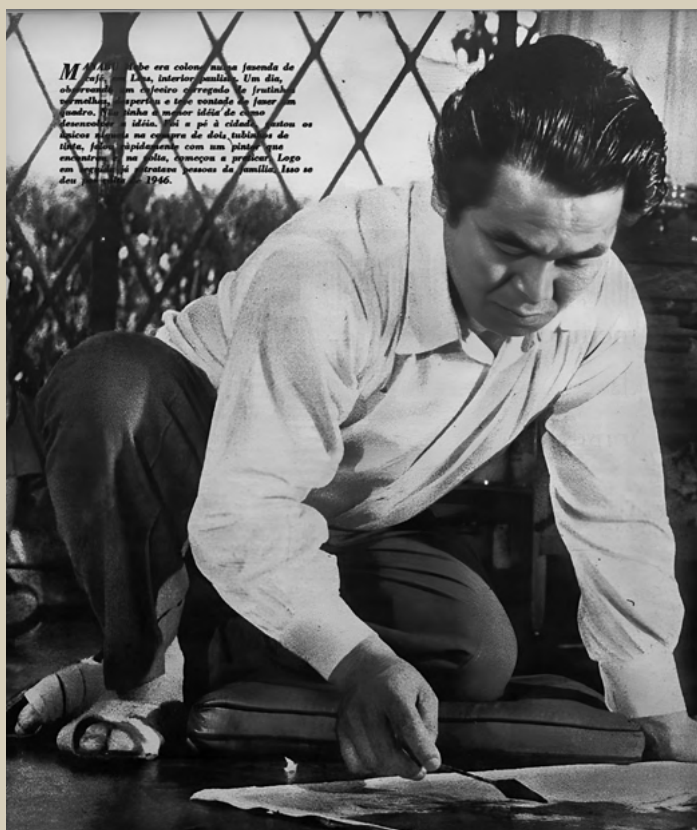


Tomie Ohtake
Sem Título, 1967
100 x 60 cm
óleo sobre tela
assinatura no verso



MANABU MABE

Manabu Mabe (Kumamoto, Japão 1924 – São Paulo, SP, 1997). De Kobe, Japão, emigra com a família para o Brasil em 1934, para se dedicar ao trabalho na lavoura de café no interior do estado de São Paulo. Interessado em pintura, começa a pesquisar sobre o tema, como autodidata. Em 1947, em viagem a São Paulo, conhece o pintor Tomoo Handa (1906 -1996). No ano seguinte, estuda com o pintor Yoshiya Takaoka (1908 -1978), que lhe transmite ensinamentos técnicos e teóricos sobre pintura. Nesse período, integra o Grupo Seibi e participa das reuniões de estudos do Grupo 15, com Yoshiya Takaoka, Shigeto Tanaka (1910-1970) e Tomoo Handa. Em 1957, vende seu cafezal em Lins e se muda para São Paulo para se dedicar exclusivamente à pintura. Recebe, em 1959, o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, com as pinturas abstratas Grito e Vitorioso, ambas realizadas em 1958. Em 1959, participa da 5ª Bienal Internacional de São Paulo, recebe o prêmio de Melhor Pintor Nacional. É premiado na 1ª Bienal dos Jovens de Paris, e, no ano seguinte, é premiado na 30ª Bienal de Veneza. Torna-se assim um dos artistas mais destacados do abstracionismo informal brasileiro. No início de sua trajetória no campo da abstração, explora o empastamento, a textura e o traço e se revela um colorista de porte. Em meados da década de 1960, depois de uma viagem de oito meses pela Europa, começa a se aproximar de certos aspectos do tachismo. As pinturas de Manabu Mabe são caracterizadas sobretudo pela gestualidade, pelo trabalho com manchas de grande expressividade e pelo apuro no uso das cores. Os títulos de suas obras costumam evocar emoções ou fenômenos da natureza.



Manabu Mabe
Canção do imigrante, 1978
óleo sobre tela
180 x 250 cm
assinatura inf. dir.

Mauricio, Jayme; Sicre, José Gómez; Wolff, Theodore F.; Kawabata, Yasunari; Okamoto, Taro; Kaneko, Hideo. Introdução de Pietro Maria Bardi. "Manabu Mabe: Vida e Obra", São Paulo, 1986. pág. 235.






Manabu Mabe
Nascimento, 1991
óleo sobre tela
46 x 53 cm
assinatura inf. esq.



Manabu Mabe
Sem Título, 1969
óleo sobre tela
80 x 100 cm
assinatura inf. esq.

An abstract oil painting on wood by Manabu Mabe. The central focus is a large, vertically oriented, textured shape in various shades of blue, from deep indigo to a lighter, almost white-blue. The texture is highly visible, with thick brushstrokes and some areas where the paint has been scraped or layered. The shape has a curved, somewhat organic form, reminiscent of a stylized figure or a large letter. The background is a dark, almost black, textured surface. A thin, light-colored line extends from the right side of the blue shape towards the right edge of the frame. In the bottom left corner, there is a small signature and the year '68'.

Manabu Mabe
Rei do Mar, 1968
óleo sobre madeira
185 x 130 cm
assinatura inf. dir.



Manabu Mabe
Abstração Fundo Vermelho, 1961
óleo sobre tela
185 x 200 cm
assinatura no verso

Manabu Mabe
Poder, 1988
óleo e acrílica sobre tela
178 x 190 cm
assinatura inf. dir.

Com Certificado e Registro do Instituto Manabu Mabe nº Reproduzido no livro
"Manabu Mabe", pág. 74.





Manabu Mabe
Akogare, 1984
óleo sobre tela
180 x 200 cm
assinatura inf. dir.

Maurico, Jayme. "Manabu Mabe 1984", Rio de Janeiro, Paris, Londres: Realidade Galeria de Arte, 1984. pág. 15.

Mauricio, Jayme; Sicre, José Gómez; Wolff, Theodore F.; Kawabata, Yasunari; Okamoto, Taro; Kaneko, Hideo. Introdução de Pietro Maria Bardi. "Manabu Mabe: Vida e Obra", São Paulo, 1986. pág. 313.



Manabu Mabe
Abstração em Branco, 1978
óleo sobre tela
102 x 152 cm
assinatura inf. dir.



Manabu Mabe
Imigrantes, 1973
óleo sobre tela
77 x 86 cm
assinatura inf. esq.

Registrado no Instituto Manabu Mabe n° 2571.

BURLE MARX

Roberto Burle Marx (São Paulo, SP, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1994). Durante a infância, vive no Rio de Janeiro. Em 1928, muda-se com a família para Berlim, na Alemanha, e entra em contato com as obras de artistas consagrados, como o holandês Vincent van Gogh (1853-1890), o espanhol Pablo Picasso (1881-1973) e o alemão Paul Klee (1879-1940). Em 1929, frequenta o ateliê de pintura de Degner Klemn. De volta ao Rio de Janeiro, estuda entre 1930 e 1934 pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Na pintura, inicialmente se dedica a naturezas-mortas com motivos da flora brasileira, em traços sinuosos e uma paleta de tons sóbrios. Nos retratos, realistas, aproxima-se de Candido Portinari e Di Cavalcanti (1897-1976). A partir da década de 1950, sua pintura atinge uma linguagem particular: a tendência para a abstração se consolida e a paleta passa a incluir nuances de azul, verde e amarelo mais vivos. O trabalho com a cor está associado ao desenho, que se sobrepõe e estrutura a composição. Nos anos 1980, passa a realizar composições geométricas em acrílico: com contornos desenhados com a cor, as telas têm aspecto fluído e flexível, ganhando leveza. Embora tenham como base a natureza, apresentam essencialmente caráter abstrato, com predominância de elementos lineares.





Burle Marx
Sem Título, 1992
panneaux
126 x 153 cm
assinatura inf. dir.

Burle Marx
Sem Título, 1992
panneaux
123 x 153 cm
assinatura inf. dir.





Burle Marx
Abstrato
panneaux
120 x 150 cm
assinatura inf. dir.
Acompanha foto do Artista
Burle Marx com a obra.

Burle Marx
Sem Título, 1993
panneaux
154 x 242 cm
assinatura inf. dir.

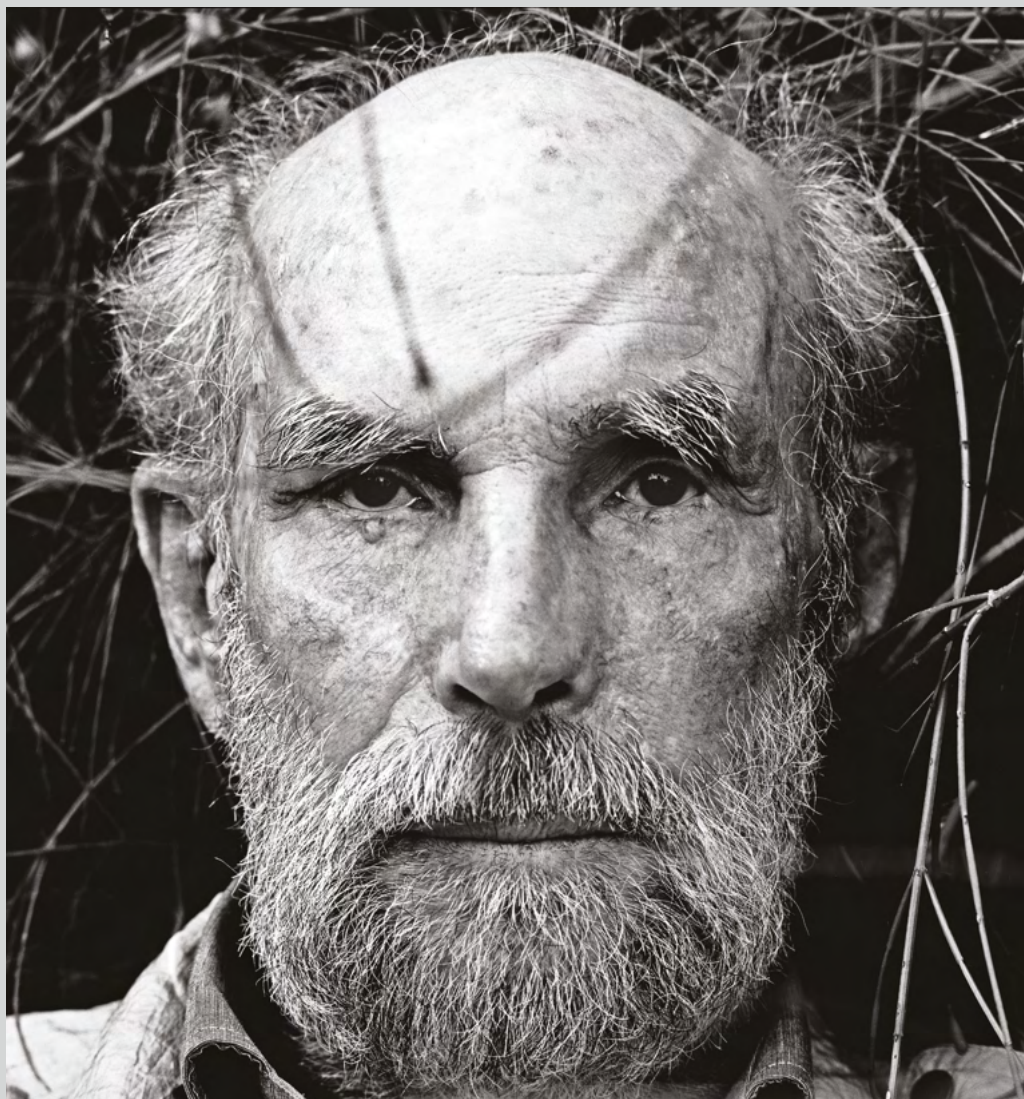




Burle Marx
Sem Título, 1992
panneaux
163 x 215 cm
assinatura inf. dir.

FRANS KRAJCBERG

Frans Krajcberg (Kozienice, Polônia, 1921 – Rio de Janeiro, RJ, 2017). Nascido na Polônia, Krajcberg forma-se em engenharia e artes pela Universidade de Leningrado. Mais tarde, ao mudar-se para a Alemanha, ingressa na Academia de Belas Artes de Stuttgart, onde é aluno do pintor alemão Willi Baumeister (1889-1955). Sua carreira artística se inicia no Brasil, onde chega em 1948, procurando reconstruir a vida depois de perder toda a família em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1951, participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, com duas pinturas. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1956, onde divide ateliê com o escultor Franz Weissmann (1911-2005). Suas pinturas desse período tendem à abstração, predominando tons ocre e cinza. O artista retorna a Paris em 1958, onde permanece até 1964. De volta ao Brasil, em 1964, instala um ateliê em Cata Branca, Minas Gerais. Em 1972, passa a residir em Nova Viçosa, litoral sul da Bahia. Amplia o trabalho com escultura, iniciado em Minas Gerais. Intervém em troncos e raízes, entendendo-os como desenhos no espaço.



Frans Krajcberg
Sem Título, 1968
escultura em madeira monocromada com pigmentos naturais
48 x 38 cm
assinatura no verso

Participou da exposição: Frans Krajcberg: Por uma arquitetura da natureza, MUBE,
São Paulo, de 07 de maio a 31 de julho de 2022.



Frans Krajcberg

Sem Título, 1957

óleo sobre tela

100 x 80 cm

assinatura inf. esq.

Etiqueta da 7ª Bienal de São Paulo, 1963. Participou da exposição "Krajcberg, uma homenagem" Galeria Frente, 2017, reproduzido no catálogo da mostra na pág. 19.

Participou da exposição: Frans Krajcberg: Por uma arquitetura da natureza, MUBE, São Paulo, de 07 de maio a 31 de julho de 2022.



OBRA INTERNACIONAL

GEORGES MATHIEU

Georges Mathieu, (Boulogne-sur-Mer, França 1921- 2012) foi um pintor francês cujo estilo se identifica com o tachismo. Ganhou reputação internacional nos anos 1950 como um dos líderes do Expressionismo abstrato. Suas grandes pinturas eram criadas rápida e impulsivamente. Apesar de sua técnica anticonvencional, ele considerava a si mesmo um pintor tradicional trabalhando com temática subjetiva e abstrata. Suas pinturas estão relacionadas ao Abstracionismo lírico americano e também ao Tachismo.

Georges Mathieu nunca recebeu educação formal em arte. Em 1947, ele trabalhou na American Express em Paris, França. Neste período executou uma série de grandes telas com fundo preto no qual pintava ornamentos coloridos, espirais e outras formas. Em seguida, ele redefiniu sua técnica, usando um fundo branco sobre o qual pintava simples formas geométricas, na maioria das vezes uma única linha monocromática.



Georges Mathieu
Abstrato, 1959
óleo sobre tela
60 x 92 cm
assinatura inf. dir.

Dedicatória para o escultor Bruno Giorgi.
Ex- coleção David Libeskind.



ARTE CONTEMPORÂNEA

BEATRIZ MILHAZES

Beatriz Milhazes (Rio de Janeiro, RJ, 1960) é considerada uma das mais importantes artistas brasileiras. Consolidou sua carreira no circuito nacional e internacional de Artes Plásticas com participação em Bienais de Veneza (2003), São Paulo (1998 e 2004) e Shangai (2006). É formada em Comunicação Social. Ingressou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em 1980, onde estudou até 1983. Como professora de pintura e coordenadora de projetos educacionais, lecionou até 1996.

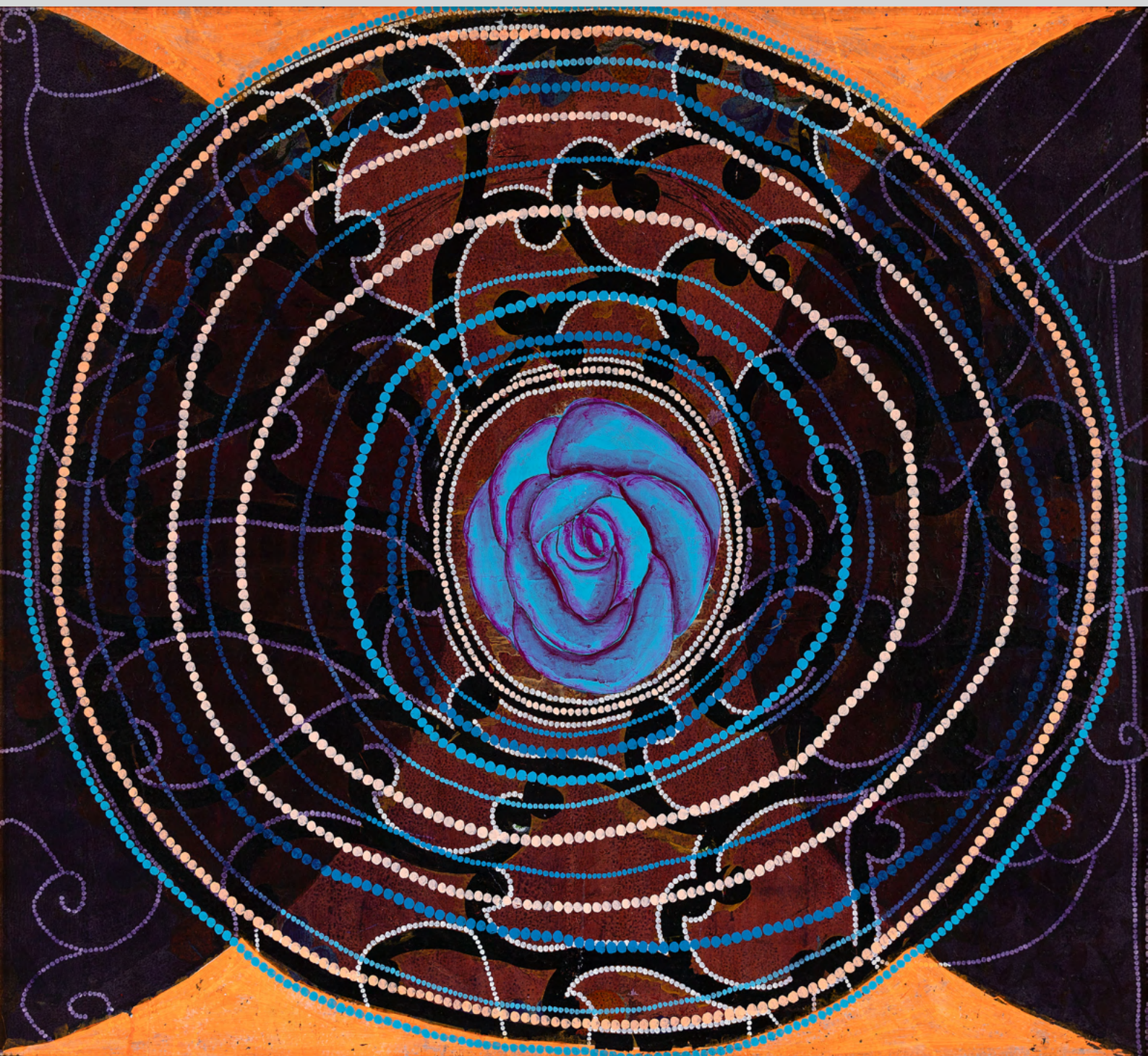
Milhazes trabalha frequentemente com formas circulares, sugerindo deslocamentos ora concêntricos ora expansivos. Na maioria dos trabalhos, sua técnica de pintura única, onde prepara imagens sobre plástico transparente, que são descoladas, como películas, e aplicadas na tela por decalque. Aglomera as imagens, preenchendo o fundo e retocando a imagem final. Os motivos e as cores são transportados para a tela por meio de colagens sucessivas, realizadas com precisão.

Sua obra se caracteriza pelo uso da ornamentação, constituída, sobretudo, por arabescos e motivos ornamentais. Seus trabalhos são desenvolvidos sobretudo em pintura; mas também explorou outros campos como: colagem, gravura, tapeçaria, cenografia e instalações para espaços específicos.



Beatriz Milhazes
Carioca, 2008
200 x 200 cm
tapeçaria
assinatura no verso
Edição de 5 exemplares.





Beatriz Milhazes
Miss and Mrs, 1993
95 x 87 cm
óleo sobre tela
assinatura no verso

JOSÉ LEONILSON

Leonilson (Fortaleza, CE, 1957 - São Paulo, SP, 1993). Em 1961, muda-se com a família para São Paulo. Entre 1977 e 1980, cursa educação artística na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), onde é aluno de Julio Plaza (1938-2003), Nelson Leirner (1932). Tem aulas de aquarela com Dudi Maia Rosa (1946) na escola de artes Aster, que frequenta de 1978 a 1981. Nesse último ano, em Madri, realiza sua primeira individual na galeria Casa do Brasil e viaja para outras cidades da Europa. Em Milão tem contato com Antonio Dias (1944), que o apresenta ao crítico de arte ligado à transvanguarda italiana Achille Bonito Oliva (1939). Retorna ao Brasil em 1982. A obra de Leonilson é predominantemente autobiográfica e está concentrada nos últimos dez anos de sua vida.

Em 1989, começa a fazer uso de costuras e bordados, que passam a ser recorrentes em sua produção. A obra de Leonilson inclui pinturas, desenhos, bordados e algumas esculturas e instalações. Suas peças são construídas como cartas para um diário íntimo. A princípio, sua obra aproxima-se da visualidade dos trabalhos de Antonio Dias, porém com mais potência erótica. As formas nos desenhos são envoltas por um contorno escuro, como no grafite norte-americano. Em paralelo, começa a elaborar elementos que são permanentemente retomados até o fim de sua vida: o livro aberto, a torre, o radar, o átomo, o coração, a espiral, o relógio, a bússola e a ampulheta, entre outros.





José Leonilson
Torre Amarela, 1982
52,5 x 148 cm
tinta acrílica e metálica sobre lona

Cadastrada no Catálogo Raisonné PL. 0854.0/00.Obra reproduzida no Catálogo Raisonné do artista, pág. 74. Participou da exposição: "Leonilson: desenhos, pinturas. Galeria Luisa Strina, São Paulo, 1983.

LEDA CATUNDA

Leda Catunda (São Paulo, SP, 1961). Uma das expoentes da Geração 80, explora em seu trabalho questões referentes à representação das imagens e ao universo pop. Ainda no começo da carreira, a pintura de Leda (como a de outros artistas dos anos 1980) chama a atenção dos principais críticos, galeristas e curadores da época. Em 1983, com apenas 22 anos, participa da mostra coletiva Pintura Como Meio, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), ao lado dos artistas Ciro Cozzolino (1959), Sergio Romagnolo (1957), Ana Maria Tavares (1958) e Sérgio Niculitcheff (1960), com curadoria de Aracy Amaral (1930). Para a curadora, o talento e o frescor da produção desses jovens está na forma contemporânea de usarem a pintura, buscando suportes menos usuais do que a tela emoldurada e destacando na parede materiais menos nobres, como o “pano”. No final dos anos 1980, começa a se distanciar do trabalho figurativo, procedimento que ganha força na década seguinte. Nas obras abstratas, a textura e a estampa do material continuam presentes, mas explora formas geométricas. A obra de Leda Catunda se pauta pelo uso de imagens, tecidos e estampas disponíveis a todos. Atenta ao comportamento das pessoas a sua volta, ao que estão vestindo e fazendo, a artista capta essas referências, transformando-as em matéria-prima para seu trabalho, sem perder o tom de crítica e acidez, que se acentua em seu universo almofadado e colorido.



Leda Catunda
Sem Título, 1982
32 x 92 cm
acrílica sobre tecido
assinatura no verso



RODRIGO ANDRADE

No início da década de 1980, Rodrigo Andrade, como outros artistas do grupo Casa 7, realiza obras que apresentam afinidades com a produção dos neo-expressionistas alemães, e também fazem referência à obra do pintor norte-americano Philip Guston. Nessa época, Andrade pinta telas de grandes formatos, com pinceladas amplas e matéricas e cores contrastantes. A partir de 1985, sua pintura revela uma gestualidade que desfaz as composições mais evidentes, realizadas anteriormente. A partir de 1999, a produção de Andrade passa por grandes mudanças. Expõe telas nas quais apresenta formas monocromáticas retangulares ou circulares dispostas sobre superfícies neutras.



Rodrigo Andrade
Sem Título, c.1990
190 x 240 cm
óleo sobre tela



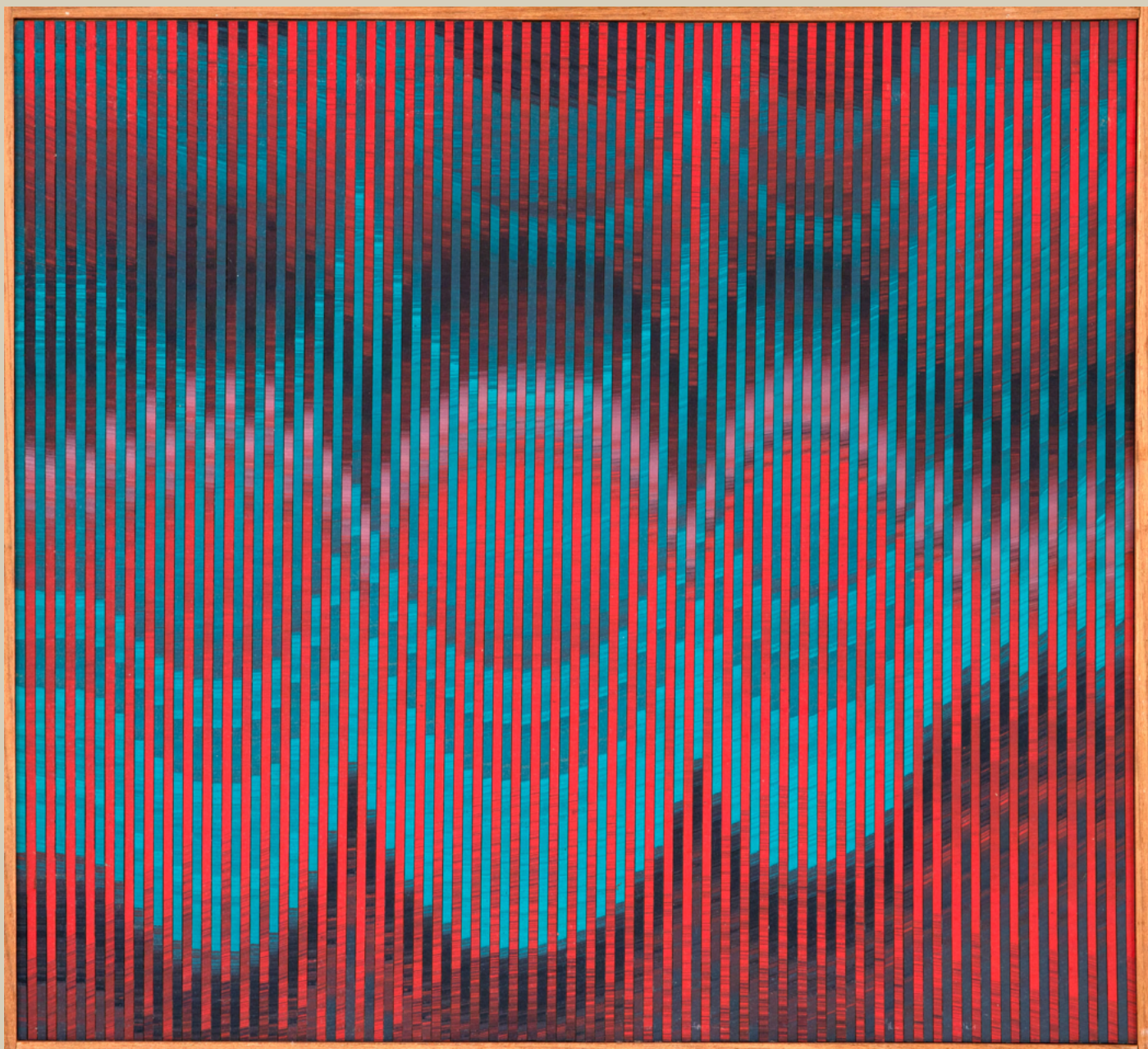
ABRAHAM PALATNIK

Considerado um dos pioneiros da chamada arte cinética no Brasil, expande os caminhos das artes visuais ao relacionar arte, ciência e tecnologia. De modo criativo, e ao longo de seus mais de 60 anos de carreira, desenvolve maquinários com experimentações artísticas e estéticas diversas. Em 1932, muda-se com a família para a região onde atualmente se localiza o estado de Israel. De 1942 a 1945, estuda na Escola Técnica Montefiori, em Tel Aviv, e se especializa em motores de explosão. Inicia seus estudos de arte no ateliê do pintor Haaron Avni (1906-1951) e do escultor Sternshus e estuda estética com Shor. Frequenta o Instituto Municipal de Arte de Tel Aviv, entre 1943 e 1947, onde tem aulas de desenho, pintura e estética. Produz pinturas de paisagens, retratos e naturezas-mortas. Palatnik Retorna ao Brasil em 1948 e se instala no Rio de Janeiro. Convive com os artistas Ivan Serpa (1923-1973), Renina Katz (1925) e Almir Mavignier (1925). Com este último frequenta a casa do crítico de arte Mário Pedrosa (1900-1981) e conhece o trabalho da doutora Nise da Silveira (1905-1999), no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. Por volta de 1949, inicia estudos no campo da luz e do movimento. Após pintar algumas telas construtivas, começa a projetar máquinas em que a cor aparece se movendo. Ao criar composições que partem da cor, mas ultrapassam o limite da pintura, o artista é consagrado pioneiro em explorar as conquistas tecnológicas na criação de vanguarda brasileira, habilitando as máquinas para gerar obras de arte.





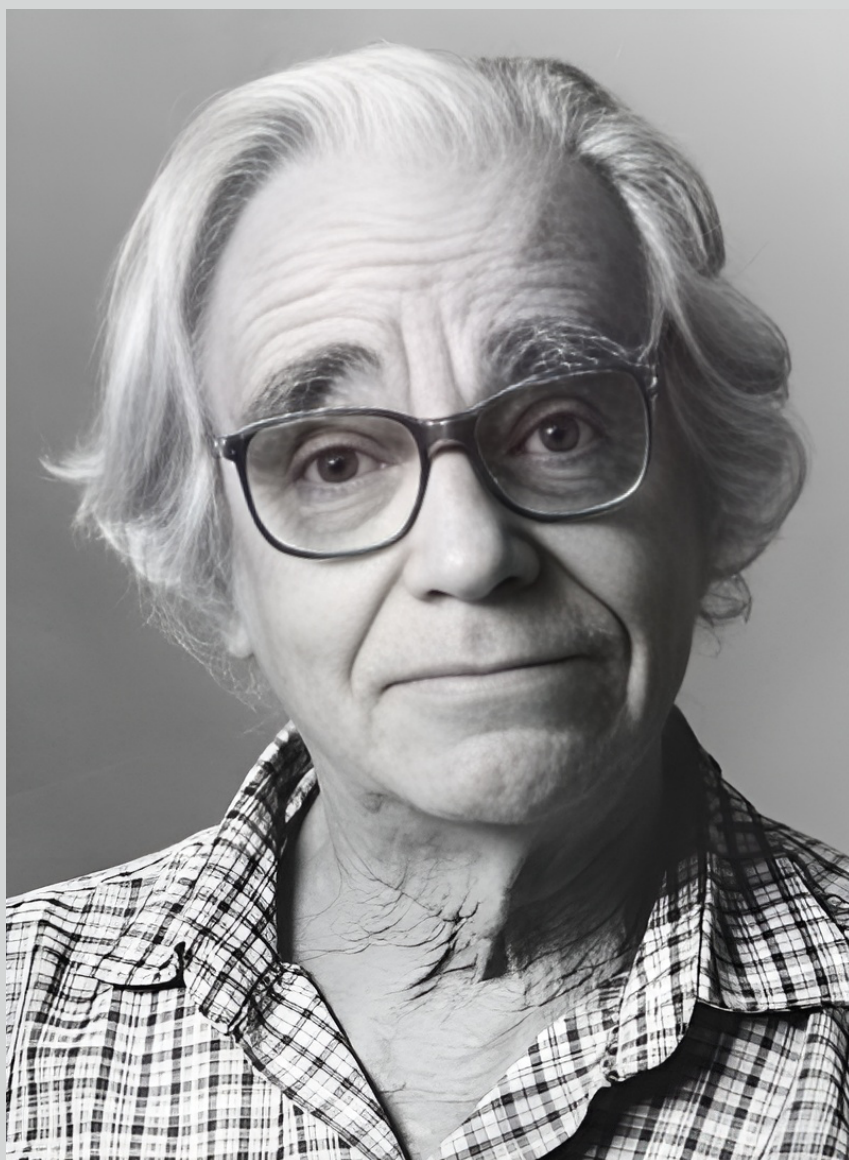
Abraham Palatnik
Progressão C-11, 1999
100 x 150 cm
óleo e barbante sobre tela colada em madeira
assinatura no verso

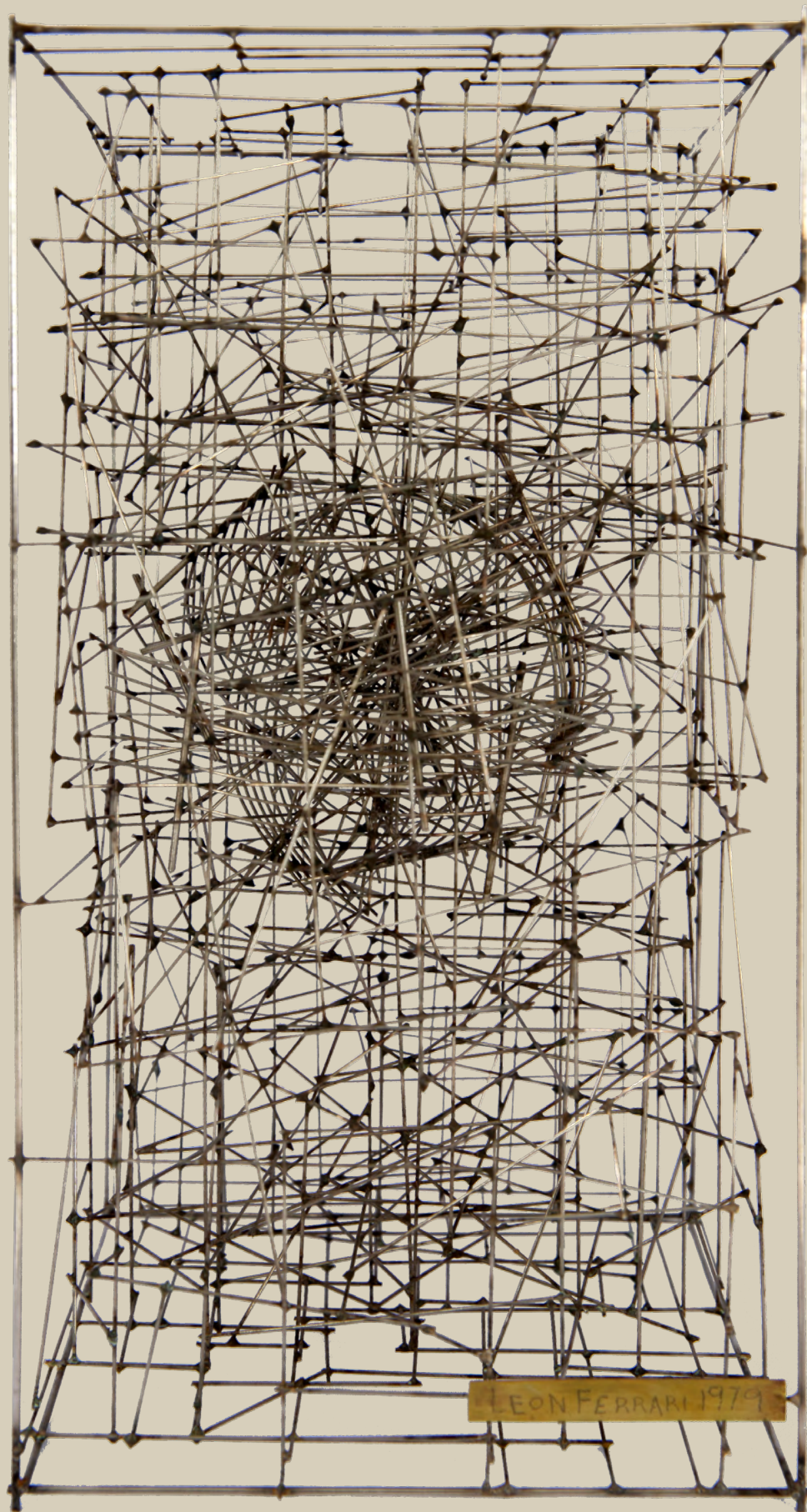


Abraham Palatnik
W - 184, 2007
49 x 53,3 cm
acrílica sobre madeira
assinatura no verso

LEÓN FERRARI

Leon Ferrari (Buenos Aires, Argentina 1920 - idem 2013). Pintor, gravador, escultor, artista multimídia. Inicia seu trabalho como escultor na Itália, onde reside por três anos. Em 1955, realiza individual na Galeria Cariola, em Milão. Em 1960, começa a fazer esculturas de arame e aço inoxidável e, dois anos depois, produz desenhos caligráficos e colagens. Em 1965, engaja-se no movimento cultural e político do Instituto di Tella de Buenos Aires, e abandona a produção abstrata. Entre 1968 e 1969, participa dos eventos Tucuman Arde e Malvenido Rockefeller, em Buenos Aires. Muda-se para São Paulo, em 1976, e retoma a produção de escultura de metal. Em 1977, passa a fazer esculturas sonoras em barras metálicas e interessa-se por novos meios expressivos, incentivado pela convivência com Regina Silveira (1939) e Julio Plaza (1938-2003). A produção de Leon Ferrari abrange campos diversos, como o tridimensional, o desenho, a escrita, a colagem, a assemblage, a instalação e o vídeo. Sua obra é marcada por um processo intenso de experimentação.





León Ferrari
Sem Título, 1979
30 x 14 x 15 cm
escultura em aço inox com soldas em prata
assinatura na peça

SAMSON FLEXOR

Samson Flexor (Rússia, 1907 - São Paulo, SP, 1971). Ao fixar-se no Brasil, em 1948, Flexor já é um artista maduro e de rica experiência artística. Sua formação inclui a passagem de dois anos pela Académie Royale des Beaux-Arts em Bruxelas, estudos na Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts e no curso de história da arte na Sorbonne, ambas em Paris (a partir de 1924). Com uma produção próxima à Escola de Paris, o artista conquista reconhecimento da crítica em sua primeira exposição individual (1927). Em 1929 participa da criação do Salon des Surindépendants, do qual é diretor até 1938. Faz parte da resistência à ocupação nazista e é obrigado a deixar a capital francesa em 1940. Passa por enormes dificuldades durante a guerra, voltando a Paris somente em 1945. Os problemas do pós-guerra, aliados ao sucesso da viagem a São Paulo acompanhando uma exposição do Grupo dos Pintores Independentes e sua mostra individual na Galeria Prestes Maia, em 1946, fazem com que decida imigrar com a família para o Brasil, em 1948. Considerado um dos introdutores do abstracionismo no Brasil, Flexor é um artista de produção variada e independente. Da figuração cubista à abstração geométrica, e desta à abstração lírica, volta no final da vida a uma espécie de figuração orgânica e antropomórfica, sem deixar de lado a pintura de temática religiosa e os retratos. É preciso notar que da mesma forma que exerce papel importante na aceitação das correntes abstratas pelos brasileiros, o contato com o ambiente do país do fim dos anos 1940 é fundamental para o desenvolvimento pleno de tendências abstratas esboçadas em sua pintura desde o fim da II Guerra Mundial (1939-1945).



Foto: Arquivo de família / Reproduzida do livro Flexor, de Alice Brill



Samson Flexor
Sem Título, 1963
96 x 130 cm
óleo sobre tela
assinatura inf. dir.

EQUIPE EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

REALIZAÇÃO

Galeria Frente

DIRETORIA

James Acacio Lisboa

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Juliana Rego Ripoli

PROJETO GRÁFICO E DIGITAL

Luan Alves Torres

MONTAGEM

Pedro Thiago Pereira dos Santos

Hugo Aparecido da Silva

EQUIPE GALERIA FRENTE

DIRETORIA

James Acacio Lisboa

SECRETÁRIA EXECUTIVA

Danielle Dantas de Sousa

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

DIRETORIA

Renata Lisboa

ASSISTENTE FINANCEIRO

Giovana Silva Oliveira

Vanessa Gastão

COORDENAÇÃO DE EXPOSIÇÃO

Juliana Rego Ripoli

DESIGN E MÍDIAS SOCIAIS

Luan Alves Torres

Missael Akyra Morro Kawano

MOTORISTA

Marcos Paulo da Rocha Rodrigues

Ricardo Soares Amaro

RECEPÇÃO

Maria Eduarda Galindo

ASSISTENTE DE DIRETORIA

Sheila Pala

GERENTE CONTABIL

Katia da Silva Oliveira Fonseca

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA

Luiz Nobrega Gomes Júnior

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Elizabete Botsaris

Érika de Sousa Lobo

DEPARTAMENTO DE LIMPEZA

Adriana Salvador Ferreira Moura

CONTATO

TELEFONES

(11) 3064-7575 ou (11) 3578-5919
whatsapp - [\(11\) 93276-1259](https://www.whatsapp.com/business/profile/932761259)

E-MAIL

galeriafrente@galeriafrente.com.br

SITE

www.galeriafrente.com.br

INSTAGRAM

www.instagram.com/galeriafrente

FACEBOOK

www.facebook.com/galeriafrente

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

Segunda a Sexta das 09:00 às 19:00
Sábado das 10:00 às 14:00

GALERIA FRENTE

[R. Dr. Melo Alves, 400](#)
Cerqueira Cesar - São Paulo / SP
CEP 01417-010